

Fátima: ocasião de vida que não se deixa conter

Fátima: an occasion of life that cannot be contained

DOMINGOS TERRA*

Sumário

Fátima é uma realidade com força própria. Aparece como um centro de vida que escapa ao que se possa dizer dele. Manifesta toda a sua pujança começando com um posicionamento de margem e mostrando-se imbuída de propensão universal. Por um lado, a realidade de Fátima nasce onde, na altura, menos se esperaria. Passado um tempo, vem a ser assumida pelo universo cristão, sem ficar, contudo, inteiramente circunscrita por este. A ela convergem buscas humanas muito variadas e nem sempre esclarecidas do ponto de vista cristão. Até dentro desse universo Fátima parece guardar uma posição de margem, na medida em que permite a expressão da religiosidade popular, que revela características próprias face à fé vista como mais elucidada. Por outro lado, Fátima possui uma dinâmica de expansão, uma vez que, a partir das circunstâncias em que teve início, ganha projeção em várias direções. Na verdade, Fátima vem sendo reconhecida pelos diversos pontificados das décadas recentes. Avança-se também com a tese da pertinência transversal de Fátima no tempo e no espaço. Procura-se, ainda, propagar para além da Cova da Iria a vivência que aí se gera e ganha forma. Lançam-se, por fim, sobre Fátima olhares diferenciados que, juntos, avolumam a compreensão que se tem dela.

* Doutorado em Teologia Fundamental pelo Centre Sèvres, Paris; Professor Associado da Faculdade de Teologia da Universidade Católica Portuguesa; Investigador Integrado do Centro de Investigação em Teologia e Estudos de Religião (CITER), UCP; ORCID: 0000-0001-6757-8729; domingosterrasj@gmail.com.

Palavras-chave: Fátima; Centenário; Aparições; Religiosidade popular; Peregrinos/Peregrinação.

Abstract

Fátima is a reality with a strength of its own. It appears as a centre of life that eludes what can be said of it. It manifests all its strength starting with a marginal positioning and presenting itself imbued with universal propensity. On the one hand, the reality of Fátima emerges where, at the time, one would least expect it. After a while, it is assumed by the Christian universe without being, however, entirely circumscribed by it. Towards it converge very varied human searches, not always clear from a Christian point of view. Even within this universe, Fátima seems to hold a marginal position, insofar as it allows the expression of a popular religiosity that reveals features of its own when compared to a faith regarded as more enlightened. On the other hand, Fátima has an expansion dynamics, as it has acquired a multidirectional projection considering the circumstances in which it started. In fact, Fátima has been recognized by the various pontificates of recent decades. The thesis of Fátima's transversal relevance in time and space has also been advanced. Also, it is intended to spread beyond the Cova da Iria the experience that is generated and takes shape there. Finally, different glances are cast over Fátima, which together amplify the understanding one has of it.

Keywords: Fátima; Centennial; Apparitions; Popular religiosity; Pilgrims/Pilgrimage.

Fátima é hoje uma realidade de peso tanto na Igreja como em Portugal. Tem lugar reconhecido nestes dois espaços. Está à vista de todos e disponível para quem a quiser frequentar. Pertence à história dum colectividade e intervém na vida de muita gente. Fátima é um centro de vida. Vem vida até ela que acaba transformada pela vida que lá está. Brota vida a partir dela que se avoluma depois referida a si. Fátima tem uma força própria, supera o que a tente refrear, resiste enquanto facto, não cessa de dar que pensar. Vale como apelo para uns, suscita simples curiosidade

noutros, provoca a opinião de muitos. Fátima é ponto de encontro do transcendente e do terreno, do divino que marca presença e de buscas humanas que se abeiram dele. É uma realidade que manifesta toda a sua pujança ao evidenciar propensão universal a partir dum posicionamento de margem.

1. Fátima: realidade de margem

A realidade de Fátima nasce fora dos espaços que, à época, mais se afiguram determinantes na vida das pessoas. Aparece, com impacto, onde menos se esperaria. Passado um tempo, ela é assumida pelo universo cristão. Mas não parece ficar inteiramente circunscrita por este. Mantém-se como polo de atração de buscas humanas muito variadas e nem sempre esclarecidas do ponto de vista cristão. Até dentro desse universo Fátima parece guardar uma posição de margem. É lugar de expressão da religiosidade popular, que revela características próprias face à fé vista como mais elucidada.

1.1. Fátima surge na margem das estruturas da época

Na origem de Fátima está uma manifestação da parte do divino que ocorre de forma completamente inesperada. Não há aviso prévio, não existe marcação de momento, não é dada qualquer possibilidade de preparação de condições. Da parte do divino qualquer coisa se dá a perceber a pessoas que, para o contexto da época, eram quase anónimas. Algo acontece a quem vai ocasionar estranheza em virtude do que seria expectável nesse momento. Na verdade, o divino manifesta-se num lugar desconhecido como a Cova da Iria, a três crianças de condição pobre, no meio de tarefas perfeitamente simples e habituais.

A ideia deste posicionamento periférico das aparições de Fátima aparece na própria Carta Pastoral que a Conferência Episcopal Portuguesa preparou para a ocasião do centenário das mesmas. Com efeito, em *Fátima, Sinal de Esperança para o nosso tempo*, os bispos relatam o que se passou a seguir às aparições, para sublinhar que o que sucedeu num lugar recôndito como a Cova da Iria veio a consolidar-se frente ao ambiente

político do Portugal de então. Note-se que vigorava neste um regime hostil à Igreja e, portanto, desfavorável à expressão da fé cristã. Diz a Carta:

«Assim que a notícia se divulgou, multiplicaram-se as reações. Muitos acorreram ao local, dando crédito ao testemunho das crianças; mas houve também dúvidas, incompreensões e mesmo perseguições, que tantos sofrimentos causaram aos pastorinhos. Entretanto, eram cada vez mais os que acorriam no dia de cada aparição, sempre a 13 de cada mês, à exceção de agosto, em que a aparição foi adiada uns dias, devido à prisão dos videntes. A última deu-se a 13 de outubro, na presença de cerca de setenta mil pessoas, umas crentes, outras cétricas, para verem o sinal prometido pela Virgem, o chamado “milagre do sol”, divulgado pela imprensa da época.»¹

Porém, os bispos portugueses vão ainda mais longe na alusão ao posicionamento periférico das aparições de Fátima. Apresentam uma segunda sequência de acontecimentos para mostrar que o que sucedeu na Cova da Iria acabou por se afirmar também frente à Igreja institucional da época. Consideram que o fenómeno das aparições ganhou um tal vigor que o levou não só a derrotar a desaprovação declarada pelas autoridades civis, mas também a vencer a cautela manifestada pelas autoridades eclesiais. Afirma, primeiro, a Carta:

«O povo fiel de Deus começou desde muito cedo a reunir-se ao pé da azinheira para rezar. E em 1919 torna possível a edificação de uma capelinha, como havia pedido Nossa Senhora. É ele quem responde com atos de desagravo aos ataques e profanações dos adversários, de que é exemplo a dinamitação da capelinha, em 6 de março de 1922. A capela foi novamente reerguida e consagrada

¹ *Fátima, Sinal de Esperança para o Nosso Tempo*, Conferência Episcopal Portuguesa (Lisboa: Secretaria-Geral da CEP, 2016), no. 1.

em 13 de janeiro de 1923. Paulatinamente, foram-se ampliando e consolidando o culto e as práticas de piedade naquele lugar.»²

Depois, continua:

«O bispo de Leiria, D. José Alves Correia da Silva . . . publicou, em 13 de outubro de 1930, a *Carta Pastoral “A Providência Divina” sobre o Culto de Nossa Senhora de Fátima*, declarando como dignas de crédito as visões das três crianças e permitindo oficialmente o culto de Nossa Senhora do Rosário de Fátima. Nas palavras do cardeal D. Manuel Gonçalves Cerejeira, “não foi a Igreja que impôs Fátima, foi Fátima que se impôs à Igreja” .»³

Fátima acabou, pois, por se afirmar perante dois universos de significação. Um e outro olhavam-na, naturalmente, a partir da posição que ocupavam no contexto português. O poder político julgava-se com capacidade para decidir a respeito da novidade surgida na Cova da Iria. Por sua vez, a autoridade eclesiástica sentia-se na obrigação de submeter essa novidade a discernimento, por forma a saber se a poderia aceitar ou não. Todo o universo de significação constitui um espaço humano de compreensão do real, de interpretação do que acontece, de valorização daquilo que existe. É natural que se lance dele o olhar sobre o que possa surgir perante si a requerer integração. As aparições de Fátima, assim como a dinâmica a que deram origem logo após terem acontecido, não podiam evitar a verificação a que foram sujeitas a partir das fontes de atribuição de significado que se impunham na época. Acontece, porém, que não resultou daqui uma subjugação e muito menos anulação da novidade surgida na Cova da Iria. Esta manteve-se viva e assegurou mesmo o seu espaço de afirmação no contexto português. Fátima acabou por se tornar, ela própria, lugar de atribuição de significado. Inicialmente

² *Fátima, Sinal de Esperança*, no. 2.

³ *Fátima, Sinal de Esperança*, no. 2, citando, no fim, Manuel Gonçalves Cerejeira, «Fátima e a Igreja,» em *Obras Pastorais* (Lisboa: 1943), II (1936-1942), 272.

parece ter sido sobretudo lida a partir de fora. Com o decorrer do tempo, passou ela também a ler o que estava à volta. De facto, Fátima oferece hoje uma determinada leitura do andar da história humana. É também diante dela que muita gente chega a ver doutra forma o que lhe acontece na vida pessoal.

1.2. Fátima está presente na margem do «explicitamente cristão»

As caminhadas a pé a Fátima são visíveis, obviamente, no seu aspeto exterior. Mas revelam, em princípio, uma procura interior por parte de quem as empreende. Facilmente se encontra nos peregrinos que vão a Fátima a ligação íntima entre o percurso físico que efetuam e aquilo que se passa dentro deles. Basta escutar os testemunhos que dão. Desta forma, percebe-se até como as razões que os levam a caminhar são bastante variadas. Mesmo que se fizesse uma tipologia delas, teria que se ter em conta o universo pessoal em que se inserem. No fundo, é este que permite compreendê-las. Às vezes, verifica-se que as ditas razões não têm a ver concretamente com a fé cristã. São simplesmente de ordem humana. Daí que se tenha de distinguir entre o universo das vivências e expressões que se veem nos peregrinos e o universo da fé cristã explícita. Não coincidem um com o outro; o primeiro é mais vasto do que o segundo. É claro que nem sempre se vê bem se o que move um peregrino se situa no âmbito da fé cristã ou é de outra ordem. Nem sempre se afigura fácil esse discernimento. Existe uma faixa significativa de ambiguidade no conjunto das razões pelas quais se vai a Fátima a pé. Mas isso não põe em causa o núcleo da articulação entre os tais dois universos: o segundo está presente no seio do primeiro e uma fronteira separa o que deste não pertence àquele. Por outras palavras, entre as vivências e expressões que se veem nos peregrinos há fé cristã; no entanto, nem tudo nelas é fé cristã.

Duas obras, publicadas por ocasião do centenário das aparições, ilustram esta maior vastidão do campo das vivências e expressões peregrinantes, em comparação com o âmbito da fé cristã. Uma das obras não se centra concretamente na peregrinação em direção a Fátima. Fala da peregrinação num sentido mais amplo, isto é, como realidade humana

em si. Trata-se da obra de Leonor Xavier com o título *Peregrinação. Testemunhos que nos unem*. Aí, 70 pessoas procuram dizer o que significa a palavra «peregrinação» para si. São homens e mulheres, de gerações diversas e de sensibilidades políticas diferentes. Num ou noutro caso, diz-se expressamente que «peregrinação» ou «viagem» são uma metáfora da vida⁴. De qualquer forma, no conjunto dos testemunhos, fala-se sobretudo da viagem interior, da caminhada na direção do que é essencial na vida, da procura de «qualquer coisa» que existe dentro de nós. Fala-se do lado espiritual que existe em cada um e que não é necessariamente religioso. Fala-se não só da peregrinação com meta definida, mas também da peregrinação sem rumo certo em que o caminho acaba por ser mais importante do que a meta.

É claro que não seria apropriado afirmar que esta obra de Leonor Xavier mostra pessoas de fora da fé cristã a interessarem-se, a par de quem a abraçou, por aquilo que Fátima é. Mas pode dizer-se que a obra revela o interesse comum a gente dos dois campos por algo que a dinâmica gerada em torno de Fátima efetivamente sugere: a propensão peregrinante da existência humana. Assim se compreende a ousadia da intenção que está na origem dessa obra. Diz a autora na introdução: «Pensei em pedir um testemunho sobre peregrinação a crentes e não crentes.»⁵ Na verdade, a obra mostra que, independentemente de a pessoa ser de fé ou não, existe nela uma busca interior, o desejo de encetar uma «viagem». Nem sempre é uma busca em que se perceba bem para onde se vai. É possível que não se saiba ao certo de que é que se anda atrás. Mas existe a esperança de que isso se vá esclarecendo com os encontros que têm lugar ao longo do caminho.

Outra obra, publicada por ocasião do centenário das aparições, que mostra como as vivências e expressões peregrinantes das pessoas não se encontram só no campo da fé cristã é da autoria de Ana Catarina André e Sara Capelo, com o título *Peregrinos*. Trata-se duma coleção de

⁴ Leonor Xavier, *Peregrinação. Testemunhos que nos unem* (Alfragide: Oficina do Livro, 2017), 98; 179.

⁵ Xavier, *Peregrinação*, 14.

reportagens que resultou numa conversa entre as duas autoras: uma agnóstica que nunca tinha ido à Cova da Iria e outra que é católica e já tinha peregrinado. Queriam saber quem são os peregrinos que vão a Fátima e encham o recinto do santuário⁶. A obra ajuda a ver o que é a busca das pessoas relativamente a Fátima, retrata aquilo que se passa no coração das que caminham para lá a pé: o que as leva a partir, o que sentem no percurso e à chegada, o que pensam a respeito daquilo que vão experimentando. Quanto àquilo que as leva a partir, fala-se dum bloqueio que se sente na vida, dum conflito interior devido a algo que se fez, da situação terrível por que se passou, da doença que se enfrenta ou até se curou, enfim do pedido que se formulou e se crê ter sido ouvido. Diz um padre, com experiência de acompanhar peregrinações a pé: «Uma coisa é estar a cozinhar e a pensar na vida. Outra é ir para o caminho e ter horas e horas para rezar e apaziguar determinado assunto. Há coisas na nossa vida que precisam de muitos quilómetros para ficarem resolvidas.»⁷

Ao ler a obra de Ana Catarina André e Sara Capelo, percebe-se que a motivação para peregrinar é claramente pessoal. É certo que a peregrinação se faz habitualmente em grupo e que nela se vive com frequência a solidariedade. Mas, quanto ao sentido que se tem do ato de peregrinar, nota-se que é a perspetiva pessoal que prevalece. Lendo a obra, percebem-se também aspetos da atitude de fundo que se leva na peregrinação. Por exemplo, encara-se esta como tempo de introspeção para refletir sobre a vida. É possível que se esteja disposto a interpretar coisas que acontecem como resultado da intervenção do divino. Na obra, vê-se ainda que as buscas pessoais relativamente a Fátima extravasam o enquadramento institucional da Igreja: peregrina-se mesmo que não se seja católico praticante ou se tenha problemas de identificação com a Igreja. Diz alguém a respeito dum peregrino: «Afastado da Igreja há mais de 40 anos, não ia à missa, nem se confessava. Decidira fazer uma peregrinação porque se

⁶ Ana Catarina André e Sara Capelo, *Peregrinos* (Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos, 2017), 9.

⁷ André e Capelo, *Peregrinos*, 59.

sentia “insatisfeito”.»⁸ Por fim, vê-se que as buscas pessoais relativamente a Fátima extravasam o próprio campo da fé cristã, direcionando-se, às vezes, para um sagrado não clarificado e não nomeado. Confessa um peregrino: «Acredito em Fátima, em energias que recebemos do universo. Pode chamar-lhe Deus, se quiser.»⁹ Desta forma, pode-se acreditar em realidades que nem sempre se coadunam com Fátima. Acha-se que, peregrinando, se interioriza a relação com aquilo que se considera como “além” ou, então, com alguém superior que não é como nós.

Convém notar, no conjunto destas buscas pessoais relativamente a Fátima, a coexistência de dois conceitos de «espiritual». Em primeiro lugar, temos o «espiritual» explicitamente cristão. Trata-se da vida no Espírito de que fala S. Paulo: «se vivemos pelo Espírito, pelo Espírito pautemos também a nossa conduta» (*Gal 5, 25*). É a vida que, querendo-se assente no Espírito de Deus, se dispõe a ser conduzida por ele e cresce na sua presença. Em segundo lugar, temos o «espiritual» como dimensão do ser humano em geral: o movimento de busca daquilo que pode vir a preencher o coração. Trata-se de algo que na estrutura do ser humano constitui, em princípio, terreno de possível abertura ao transcendente. Mas é claro que daí até dar expressamente lugar a Deus na sua vida vai um salto imprevisível. Pode sempre dar-se a passagem duma busca difusa, ambígua e pouco esclarecida para a fé cristã explícita. Mas dificilmente se sabe de antemão quando e como é que isso acontece. Resta sublinhar que esse salto se dá efetivamente em peregrinos que vão a Fátima. A própria Carta Pastoral da Conferência Episcopal Portuguesa, já mencionada, o atesta:

«A espiritualidade de Fátima, que acompanha e sustém as peregrinações, purifica e eleva atitudes puramente naturais da religiosidade para as transformar em atitudes filiais. Oferece a pedagogia da mistagogia: através da figura de Maria e dos três pastorinhos, torna

⁸ André e Capelo, *Peregrinos*, 53.

⁹ André e Capelo, *Peregrinos*, 21.

possível o encontro com o Deus Trindade, na sua beleza e na sua proximidade, como experiência salvífica.»¹⁰

1.3. *Fátima está presente na margem da «fé elucidada»*

As manifestações de fé que se veem em Fátima inserem-se, em boa medida, no que se chama religiosidade popular. São habitualmente simples e espontâneas. Não mostram grande elaboração. São próprias de quem não parece ter grande formação nas matérias cristãs. Apresentam-se bastante marcadas pela visão que as pessoas têm da realidade e pela forma como experimentam a vida. Com essas manifestações, a religiosidade popular torna-se, assim, visível no quadro eclesial. Afirma-se mesmo perante aquilo que se poderia considerar como «fé elucidada». É claro que se deve ter cuidado com esta última designação. Ao usá-la, não se está a denegrir a dita religiosidade. Apenas se indica uma vivência e expressão da fé cristã mais esclarecida a respeito do que esta é. Refere-se uma concretização da fé em que a identidade desta aparece mais nítida. Na verdade, a fé mais elucidada e a religiosidade popular devem aprender a viver juntas no quadro eclesial. Podem ajudar-se a crescer mutuamente. «As exigências da pureza [...] devem unir-se às da adaptação; o carácter teologal da vida cristã concilia-se com a necessidade das mediações.»¹¹ Trata-se, aqui, simplesmente de mais uma das tensões que são tão características da realidade eclesial. É preciso resistir à tentação de as anular, uma vez que dão vida à Igreja. Têm que se reconhecer, contudo, que lidar com elas requer maturidade. Quanto à tensão que aqui se apresenta, deve dizer-se que resolvê-la por via da supressão do segundo termo – as mediações na vivência e expressão da fé cristã – não parece viável nem desejável. Com efeito, «uma atitude de receio ou de rejeição relativamente às formas populares da fé não [...] parece, longe disso, uma garantia para

¹⁰ *Fátima, Sinal de Esperança*, no. 13.

¹¹ Gilles Langevin, «Christianisme populaire et pureté de la foi,» em *Foi populaire, foi savante. Actes du Ve Colloque du Centre d'études d'histoire des religions populaires tenu au Collège dominicain de théologie (Ottawa)*, ed. Jean-Marie Roger Tillard et al. (Paris: Les Éditions du Cerf, 1976), 151.

a pureza da fé»¹². Aliás, convém ter presente que «a recusa das mediações des-realiza a fé cristã, sobretudo nas pessoas simples»¹³.

A religiosidade popular surge, efetivamente, como uma verdadeira expressão da fé cristã. Tem é características próprias. Fátima vem reconhecendo o seu valor desde o início. Voltemos à Carta da Conferência Episcopal Portuguesa:

«Fátima irradia [...] o dinamismo evangelizador apoiado na piedade popular, isto é, na “espiritualidade encarnada na cultura dos simples” de que fala o papa Francisco: como “maneira legítima de viver a fé, um modo de se sentir parte da Igreja e uma forma de ser missionários”.»¹⁴

Não admira esta associação forte entre Fátima e a religiosidade popular. Esta religiosidade é expressão do chamado *sensus fidei fidelium*: uma espécie de instinto que os crentes em geral têm daquilo que é ou não cristão, digamos também, daquilo que é mais ou menos cristão. Ora, foi esse *sensus* que teve um papel decisivo no arranque de Fátima, como reconhecem os bispos portugueses¹⁵. Daí que Fátima apareça como um lugar que se adianta no acolhimento da religiosidade popular. Seguramente mostra-se mais avançada do que os dois agentes eclesiais de regulação da fé que se podem considerar mais sofisticados: a teologia e o magistério oficial. Poder-se-á dizer que isso é normal, dado que a vida concreta dos cristãos precede sempre a intervenção que estes dois agentes possam ter a seu respeito: da parte da teologia, a reflexão crítica; da parte do magistério, a supervisão pastoral. Contudo, essa antecipação de Fátima na valorização da religiosidade popular tem outra explicação. É

¹² Langevin, «Christianisme populaire,» 157.

¹³ Langevin, «Christianisme populaire,» 157.

¹⁴ *Fátima, Sinal de Esperança*, no. 13. Os bispos citam aqui a exortação apostólica do Papa Francisco *Evangelii Gaudium*, no. 124, que, por sua vez, está a citar: *Documento de Aparecida*, V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe (29 de junho de 2007), respetivamente no. 263 e no. 264.

¹⁵ *Fátima, Sinal de Esperança*, no. 2.

que nem sempre a teologia e o magistério oficial da Igreja tomaram esta religiosidade devidamente em consideração.

Com efeito, considera Serge-Thomas Bonino, atual Secretário-Geral da Comissão Teológica Internacional, que a religiosidade popular «foi objeto de um frio desprezo em largos setores da teologia universitária pós-conciliar»¹⁶. Trata-se duma afirmação dura em que se refere uma atitude que não é simples cautela; está-se a dizer que houve desinteresse e desvalorização. Paralelamente, embora não de forma tão grave, parece ter-se verificado algo também da parte do magistério oficial da Igreja relativamente à religiosidade popular. Desde logo, «a expressão “religiosidade popular” e seus paralelos (religião popular, catolicismo popular, piedade popular) não estão presentes nos documentos do Concílio Vaticano II»¹⁷. Depois, constata-se que «não é senão a partir de 1975, com a publicação de *Evangelii Nuntiandi*, que o tema aflora nos documentos pontificais»¹⁸. É nesta exortação apostólica, a última de Paulo VI, que se começa a reconhecer ao mais alto nível o valor da religiosidade popular, no tempo a seguir ao Concílio. Diz-se aí:

«A religiosidade popular [...] tem, sem dúvida, as suas limitações. Ela acha-se frequentemente aberta à penetração de muitas deformações da religião, como sejam, por exemplo, as superstições. Depois, ela permanece com frequência apenas a um nível de manifestações culturais, sem expressar ou determinar uma verdadeira adesão de fé [...]

Se essa religiosidade popular, porém, for bem orientada [...] ela é algo rico de valores [...]

[I]mporta ser sensível em relação a ela, saber aperceber-se das suas dimensões interiores e dos seus inegáveis valores, estar-se disposto a

¹⁶ Serge-Thomas Bonino, «Pour lire le document: “Le *sensus fidei* dans la vie de l’Église”,» Comissão Teológica Internacional, http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/cti_documents/rc_cti_20140610_cerf-sensus-fidei_fr.html (acedido a 10 de junho de 2014).

¹⁷ Albert Verwilghen, «La religiosité populaire dans les documents récents du Magistère,» *Nouvelle Revue Théologique* 109 (1987): 521.

¹⁸ Verwilghen, «La religiosité populaire,» 521.

ajudá-la a superar os seus perigos de desvio. Bem orientada, esta religiosidade popular, pode vir a ser cada vez mais, para as nossas massas populares, um verdadeiro encontro com Deus em Jesus Cristo.»¹⁹

Nem sequer na Igreja da América Latina parece ter-se dado sempre o devido valor à religiosidade popular. Está-se a falar duma região da Igreja onde a importância de tal religiosidade tem sido insistentemente sublinhada nas décadas recentes. Repare-se na sequência das reuniões que os bispos deste espaço geográfico vêm efetuando com certa frequência. São as chamadas Conferências Gerais do Episcopado Latino-Americano. Houve até agora cinco. No documento final da Primeira Conferência, que teve lugar em 1955, no Rio de Janeiro, nunca aparece a expressão «religiosidade popular». Está-se ainda antes do Concílio Vaticano II, que não chegaria também a usar essa expressão nos textos que produziu. É depois no documento final da Segunda Conferência, em 1968, em Medellín, que a dita expressão aparece: seis vezes. Mais tarde, no documento final da Terceira Conferência, em 1979, em Puebla, o tema da religiosidade popular será, então, largamente tratado; a expressão aparece aí 14 vezes. Posteriormente, os documentos finais das Quarta e Quinta Conferências – em 1992 (São Domingos) e em 2007 (Aparecida) – empregarão também essa expressão: respetivamente oito vezes e nove vezes.

É este avanço que se deu na Igreja da América Latina que parece ter agora impacto na Igreja universal. Não é por acaso que o Papa Francisco, oriundo desse espaço geográfico, traz o conceito de religiosidade popular para o centro da consciência de toda a Igreja. Diz ele: «as expressões da piedade popular têm muito que nos ensinar e, para quem as sabe ler, são um *lugar teológico* a que devemos prestar atenção.»²⁰

Com esta afirmação do Papa, fica claro que o trabalho de compreensão da fé cristã não pode passar ao lado da religiosidade popular. Tem que abraçar como matéria que merece consideração. Deve mesmo encará-la

¹⁹ Papa Paulo VI, *Evangelii Nuntiandi* (1975), no. 48.

²⁰ Papa Francisco, *Evangelii Gaudium* (2013), no. 126.

como um dos ambientes em que precisa de saber estar. Com a dita afirmação, o magistério oficial da Igreja não só dá sinal de reforçar o seu respeito pela religiosidade popular, como dirige até à teologia o convite expresso a avançar no mesmo sentido. Insiste-se, assim, que estas duas funções eclesiais precisam de desfazer o que nos respetivos âmbitos possa ser ainda distância face à dita religiosidade. No fim de contas, defende-se que uma e outra, de acordo com a sua especificidade, devem adotar a linha que Fátima sempre tem seguido no plano da vivência. Na verdade, veja-se como Fátima vem sendo, ao longo dos anos, lugar e ocasião de acolhimento da religiosidade popular, independentemente de esta ser ou não devidamente reconhecida pela teologia ou pelo magistério oficial.

Convém notar, em todo o caso, a evolução que se vem dando mais recentemente na atitude da teologia face ao que se passa em Fátima. É certo que ela parece ter demorado bastante a acolher as manifestações da religiosidade popular que se veem em Fátima e até o próprio conteúdo da mensagem que aí se faz ouvir. Mas percebem-se sinais da aproximação da teologia à realidade de Fátima. De facto, têm-se vindo a organizar eventos de reflexão teológica em torno de Fátima. Pode dizer-se que esta já não é simplesmente um lugar de devoção. A organização do Itinerário Temático de sete anos (2010-2017) como preparação para o centenário das aparições é uma prova desta evolução. Trata-se duma iniciativa que parece resultar de dois movimentos convergentes. Um é a vontade de submeter o conteúdo da mensagem de Fátima a tratamento teológico. O outro é o interesse da própria teologia em dedicar-se a esta nova frente de estudo. No fundo, a teologia mostra disponibilidade para refletir sobre algo que a religiosidade popular, praticada durante décadas, tornou incontornável perante a Igreja e o próprio mundo. A movimentação de fé que teve lugar em torno de Fátima nos últimos cem anos acabou por converter esta numa realidade que dificilmente se consegue ignorar. No caso concreto do tal Itinerário Temático de sete anos, procurou-se inserir os temas significativos da mensagem de Fátima num conjunto coerente e também explorar formas de os abordar. Com isso, aprofundou-se obviamente essa mensagem. Mas desenvolveu-se também um enquadramento

para as práticas devocionais que têm lugar em Fátima ou a propósito dela. Do dito Itinerário resultou a publicação duma série de volumes, integrados na coleção «Fátima Estudos».

2. Fátima: realidade de propensão universal

O fenómeno de Fátima possui uma dinâmica de expansão. A partir do lugar, do momento e das circunstâncias em que teve início, ganha projeção em várias direções. Trata-se de algo que resulta de diversos fatores e se percebe de múltiplas formas. Em primeiro lugar, Fátima vem sendo reconhecida pelos diversos pontificados das décadas recentes. Em segundo lugar, avança-se com a tese da pertinência transversal de Fátima no tempo e, diríamos também, no espaço. Em terceiro lugar, procura-se propagar para além da Cova da Iria a vivência que aí se gera e ganha forma. Por fim, lançam-se sobre Fátima olhares diferenciados que, juntos, avolumam a compreensão que se tem dela.

2.1. Reafirma-se a aprovação de Fátima nos pontificados recentes

Com Paulo VI teve lugar a primeira visita de um Papa a Fátima. Foi em maio de 1967, no cinquentenário das aparições. Desde então, outros Papas vieram também a Fátima: João Paulo II três vezes, a última das quais, em 2000, para a beatificação dos dois pastorinhos que morreram na infância; depois, Bento XVI uma vez; finalmente, Francisco uma vez também, para o centenário das aparições e a canonização dos mesmos pastorinhos. É óbvio que estas visitas são sinal da aprovação de Fátima pelos Papas. Mas é claro também que, através deles, se dá a aprovação pelo magistério oficial da Igreja. Note-se que este exerce a sua missão, movido por duas grandes preocupações, intimamente ligadas entre si: uma é a verdade da fé cristã, a outra é a unidade e a identidade da Igreja. Havendo dano numa, haverá como consequência dano na outra. De facto, se se comprometer a verdade da fé cristã, põe-se-á em causa a identidade e a unidade da Igreja, isto é, da comunidade que professa essa fé e, portanto, vive dela. Por outro lado, se houver problemas quanto à unidade e à identidade da Igreja, estar-se-á a criar perigo para a verdade

da fé. Daí que deva existir a consciência clara da relação entre estas duas preocupações. Sublinhe-se que a verdade da fé cristã institui a Igreja na sua identidade e unidade. Realce-se, ao mesmo tempo, que a Igreja, ciente de que assim é, procura certificar-se da preservação da dita verdade com vista a manter-se una e igual a si própria²¹.

Assim, compreende-se que os Papas, ao virem a Fátima, estejam a testemunhar que a mensagem que aí é transmitida e a vida que aí é suscitada condizem com a verdade da fé cristã e se integram na identidade e na unidade da Igreja. A presença dos Papas em Fátima significa a afirmação da perfeita cidadania cristã e eclesial daquilo que ela é e representa. Pode referir-se, a este respeito, um livro que surgiu mal terminou a última visita papal, por iniciativa da Conferência Episcopal Portuguesa, com o título *Papa Francisco em Fátima: Orações, homilias, saudações, mensagens*. Com a sua publicação, quis-se facultar «uma revisitação meditativa do que se passou em Fátima»²², apresentando o itinerário das palavras e dos gestos do Papa Francisco que preencheram esses dias. O facto de nesse livro se fundirem a celebração do centenário das aparições e as intervenções do Papa que atualmente conduz a Igreja parece reafirmar, uma vez mais, a aprovação de Fátima pelo magistério oficial da Igreja. Quase dá vontade de dizer que, no itinerário relatado do que aconteceu naqueles dias, aquilo que é Fátima na sua especificidade e aquilo que é a vida da Igreja enquanto tal, dalguma forma, acertam o passo entre si.

É claro que o relato apresentado no livro se centra naquilo que se passou nos dias 12 e 13 de maio. Mas ele começa já com uma vídeo-mensagem do Papa Francisco dirigida ao povo português, no dia 10 de maio, quando estava ainda em Roma. Por outro lado, termina com a Recitação do *Regina Coeli*, no dia 14 de maio, após o regresso a Roma. Este último passo do itinerário que é relatado parece constituir uma boa conclusão. Com efeito, as palavras do Papa proferidas no dia 14 na introdução da

²¹ Maurice Vidal, «La régulation ecclésiale de la foi et de la théologie,» em *Introduction à l'étude de la théologie*, 2, dir. Joseph Doré (Paris: Desclée, 1992), 225-26.

²² Conferência Episcopal Portuguesa, *Papa Francisco em Fátima: Orações, homilias, saudações, mensagens*, (Lisboa: Secretariado Geral da Conferência Episcopal Portuguesa, 2017), 4.

oração mariana dão a impressão de um condensado daquilo que ficou do que aconteceu nos dois dias anteriores em Fátima. Parecem ser uma espécie de testemunho que o Papa deixa, a propósito do que se viveu nesses dias: a referência à oração e à penitência; a menção do silêncio e do recolhimento; o elogio dos pastorinhos com dois deles a chegar à canonização; enfim, a explicação daquilo que é a santidade. O último parágrafo da mesma introdução é uma exortação convidando a prolongar no curso da vida aquilo que foi dado a viver em Fátima: Diz o Papa: «Deixemo-nos guiar pela luz que vem de Fátima.»²³

A ligação dos Papas a Fátima acaba por surgir também reforçada com publicações que não provêm nem das autoridades eclesásticas, nem do próprio Santuário. Não referem sempre Fátima explicitamente. Fazem a associação entre os Papas e a figura de Maria. Contudo, efetuar esta associação, quando se sabe que um Papa vem a Fátima e se aproxima a data em que tal acontece, significa ligar os Papas a Fátima. Foi o que sucedeu com duas obras que surgiram no tempo que antecedeu a celebração do centenário das aparições. Uma intitula-se *Maria é Minha Mãe. Encontros do Papa Francisco com Nossa Senhora*²⁴. Aí mostra-se como o Papa atual lida com a figura de Maria. Salienta-se o facto de o seu pensamento a respeito de Maria estar em íntima ligação com aquilo que é a sua oração e a sua vivência relativamente a ela. Põe-se, assim, em evidência um pensamento mariano com uma profunda carga espiritual e desenvolvido em estreita ligação com o sentir do povo cristão. Outra obra intitula-se *O Evangelho de Maria. Palavras de devoção do Papa sobre Nossa Senhora*²⁵. Contém excertos selecionados do Papa Francisco, que, em geral, evocam Maria. São extraídos de audiências, orações, homilias, mensagens, discursos, entrevistas, enfim intervenções que tiveram lugar nas mais diversas ocasiões. Diz-se na contracapa: «No coração da espiritualidade do

²³ *Papa Francisco em Fátima*, 67.

²⁴ Alexandre Awi Mello, *Maria é Minha Mãe. Encontros do Papa Francisco com Nossa Senhora* (Cascais: Lucerna, 2015).

²⁵ Papa Francisco, *O Evangelho de Maria. Palavras de devoção do Papa sobre Nossa Senhora*, trad. Catarina Mourão e João Quina Edições (Lisboa: Planeta Manuscrito, 2017).

papa Francisco está o amor por Maria, que o sumo-pontífice aqui evoca em quase uma centena de pensamentos e orações.»

2.2. *Explicita-se a pertinência transversal de Fátima na história*

Existe uma obra do Cardeal D. António Marto em que se procura explicar como a mensagem de Fátima vale para todas as épocas da história; por extensão, diríamos também para todos os contextos culturais e espaços geográficos. Tem o título *Fátima. Mensagem de misericórdia e de esperança para o mundo*²⁶. Trata-se da Oração de Sapiência que D. António Marto proferiu na sessão académica comemorativa do Dia Nacional da Universidade Católica Portuguesa, em Lisboa, em fevereiro de 2016. Foi a data em que teve lugar também a visita da imagem peregrina de Nossa Senhora de Fátima a essa Universidade. Com este texto, o autor apresenta uma hermenêutica da mensagem de Fátima. Entende que é ao longo da história, na diferenciação dos tempos e dos espaços, que o significado dessa mensagem se vai desvelando. Considera que ela é de alcance mundial, que o seu horizonte transcende épocas e latitudes. Acha que em cada situação histórica se adquire uma luz particular sobre o que Fátima tem a dizer ao mundo. Daí que afirme: «Talvez só hoje, à distância de um século, estejamos em condições de compreender com maior profundidade a verdade e todo o alcance desta mensagem.»²⁷

Interessa ver o percurso da argumentação apresentada nesta obra. Primeiro, defende-se que a mensagem de Fátima se refere aos tempos modernos, sobretudo à época dos dois grandes conflitos do século xx. Retratando estes como «concentrado do mal»²⁸ e «mundialização do pecado»²⁹, considera-se que se está perante a «degeneração da modernidade»³⁰ que se estende até aos nossos dias. Afirma-se que a modernidade decidiu matar Deus, ao ter projetado a salvação do ser humano unicamente

²⁶ António Marto, *Fátima. Mensagem de misericórdia e de esperança para o mundo*, 2.^a ed. (Lisboa: Universidade Católica Editora, 2017).

²⁷ Marto, *Fátima. Mensagem de misericórdia*, 9.

²⁸ Marto, *Fátima. Mensagem de misericórdia*, 12-13.

²⁹ Marto, *Fátima. Mensagem de misericórdia*, 13.

³⁰ Marto, *Fátima. Mensagem de misericórdia*, 13.

por intermédio de si mesmo. Mas acrescenta-se que ela não previu que isso acabaria por levar à morte do próprio ser humano.

Numa segunda etapa, apresentam-se na obra duas grandes chaves de compreensão das aparições de Fátima. Uma reside na não impassibilidade, na não indiferença de Deus face à desgraça e ao pecado do mundo. É um aspeto que exorta a prestar atenção ao sentir do próprio Deus, a prostrarmo-nos diante dele tomando consciência desse sentir no centro da vida e do mundo. A outra chave reside num desfasamento que é uma constante da história da salvação: dum lado, está a história das nações na sua versão oficial; do outro, está a história dos humildes e pequenos que se situam na periferia do mundo. Estes últimos, apesar da sua situação de fragilidade, contam na história da salvação. Não a integram só pela presença; fazem parte dela inclusivamente pela sua ação transformadora. São, na verdade, chamados a intervir a favor da paz com meios diferentes dos do mundo em que vivemos, como é o caso da oração.

Por fim, sublinha-se na obra a relevância histórico-cultural e salvífica da mensagem de Fátima. Considera-se que a missão profética que Fátima comporta não está ainda concluída. Acha-se que ela continua em desenvolvimento. Defende-se que há em Fátima uma promessa consoladora, cuja confirmação não se esgota num período de cem anos. É uma promessa que declara que Deus, no fim de contas, é mais forte do que o mal do mundo e que a sua bondade constitui sempre a última palavra na história humana.

Sustenta-se, assim, a tese do horizonte universal do fenómeno de Fátima e, por conseguinte, do significado deste para toda a história sem exceção. Começa-se por contextualizar o fenómeno de Fátima no período das duas guerras mundiais do século xx. Depois, estabelece-se um paralelo entre esse período e os nossos dias; por extensão, entre esse período e todas as situações históricas. Chama-se a atenção para aquilo que deve ser visto como uma constante na travessia destas últimas: o face a face entre o olhar interessado e benevolente de Deus, por um lado, e o rumo que a vida e o mundo tomam ao pensarem-se unicamente em função de si próprios, por outro. Desta forma, configura-se um processo de

transformação da história e, por conseguinte, da sorte do ser humano, por meio daqueles que se centram em Deus e respondem ao convite que está inscrito no olhar dele.

2.3. *Amplia-se a vivência de Fátima para além da Cova da Iria*

O Santuário de Fátima foi publicando, como seria de esperar, um conjunto de obras à medida que a data do centenário das aparições se aproximava. Isso mostra o esforço empreendido pelo próprio Santuário para dar projeção à realidade de Fátima. Três dessas obras ajudam a perceber claramente o desejo de dar volume a tal realidade, permitindo que chegue a diferentes espaços e tempos. Oferecem condições para que se viva a Cova da Iria fora dela.

Uma das obras é o *Guião da Visita da Imagem Peregrina de Nossa Senhora de Fátima às Dioceses Portuguesas*³¹. Contém esquemas de celebração e de catequese destinados a orientar as comunidades cristãs, para quando chegasse o momento de acolherem a imagem peregrina nos locais em que estão implantadas. A obra foi, pois, pensada como instrumento de ajuda para ser usado durante o tempo em que decorreu a dita peregrinação: de maio de 2015 a maio de 2016. Conjugava dois objetivos. O mais amplo era divulgar a mensagem de Fátima, chamando a atenção para a sua riqueza e atualidade. O mais imediato era envolver todas as dioceses na celebração do centenário das aparições e sensibilizar as diferentes comunidades para a importância dela. Neste sentido, o Guião pôs em prática a dimensão missionária inerente à realidade de Fátima. Fê-lo tanto no espaço – as várias dioceses de Portugal – como no tempo – a preparação do centenário deixando até frutos para depois dele.

Outra obra é *Feliz de Ti Que Acreditaste. Itinerário de oração com Maria para o mês de maio*³². Contém uma proposta diária de meditação da

³¹ Comissão Organizadora do Centenário das Aparições de Fátima, *Guião da Visita da Imagem Peregrina de Nossa Senhora de Fátima às Dioceses Portuguesas. O meu Coração Imaculado conduzir-vos-á até Deus. Maio de 2015 a maio de 2016* (Fátima: Santuário de Fátima, 2015).

³² Ana Luísa Costa et al., *Feliz de Ti Que Acreditaste. Itinerário de oração com Maria para o mês de maio* (Fátima: Santuário de Fátima, 2016).

Palavra de Deus e de oração, com o intuito de ajudar à vivência do mês de maio ao longo dos anos. Oferece, assim, uma orientação para a oração tanto individual como comunitária, seja esta última na comunidade familiar ou em pequenos grupos. Trata-se duma obra que surge como fruto espiritual do esforço de preparação para o centenário das aparições e depois permanece como instrumento de ajuda para ritmar a vida das pessoas de fé com um momento de oração.

Outra obra, ainda, é *Fátima 2017: Mês de maio, dia a dia*³³. Apresenta uma proposta de esquema que se destinava a orientar a oração quotidiana do Rosário durante maio de 2017. Pretendeu ser um instrumento para o uso das comunidades e concretamente dos que são nelas responsáveis: párocos, capelães e outros agentes pastorais. Quis-se ajudar quem, por dever ou necessidade, era chamado a acompanhar pessoas que se encontrassem numa situação de limitação: doentes ou idosos, nomeadamente os que não podiam sair das suas casas ou das instituições onde recebiam apoio. O objetivo foi proporcionar-lhes a participação possível na celebração do centenário das aparições. Houve, pois, um claro desejo de «incluir». Teve-se a preocupação de que ninguém se sentisse mero espectador daquilo que ia acontecer e se visse, portanto, excluído da alegria que é própria dum momento destes. A obra ofereceu, portanto, para quem não pôde ir à Cova da Iria, um percurso dentro do espírito da celebração do centenário e em proximidade com o Papa Francisco, enquanto peregrino especial aí esperado. Aliás, na página de rosto, lê-se, associado ao título: «Maio com o Papa Francisco no Centenário das Aparições.»

2.4. *Lançam-se sobre Fátima olhares diferenciados*

É consensual entre os que estudam Fátima que se pode olhá-la de diferentes perspetivas. Trata-se duma diferenciação que se verifica a diversos níveis. Assim, podemos afirmar que um primeiro nível é o vivencial. Dizia-se atrás, referindo a obra *Peregrinos* de Ana Catarina André e Sara

³³ *Fátima 2017: Mês de maio, dia a dia* (Fátima: Conferência Episcopal Portuguesa e Santuário de Nossa Senhora do Rosário de Fátima, 2017).

Capelo, que as razões pelas quais as pessoas vão a Fátima a pé são bastante variadas. Era algo de que as autoras suspeitavam só de olharem para os peregrinos antes de os entrevistarem. De facto, lê-se na introdução que elas quiseram saber quem são e o que motiva aqueles que compõem o «mar» de gente que se junta na Cova da Iria todos os anos, nos dias grandes do culto mariano³⁴. Foi uma suspeita que se confirmou depois com as entrevistas. Numa destas, fala-se dum padre que tentou convencer uma senhora a parar de andar de joelhos na passadeira do recinto do Santuário, dizendo-lhe que ela não precisava de fazer isso. Refere-se que a senhora lhe respondeu assim: «Deus não precisa que faça isto, o senhor padre também não, mas eu preciso. Não imagina o quão grata estou.»³⁵ Por aqui se vê que existe uma percepção da realidade de Fátima à escala pessoal. É uma percepção que, como mostra este exemplo, se exprime não só no plano da inteligência, mas também no do coração. Ora, convém que estas percepções pessoais sejam escrutinadas, a fim de detetar o que nelas possa não se adequar ao que Fátima efetivamente é. Mas deve admitir-se que um bom número delas, mesmo mostrando variedade, não chega a contradizer o essencial de Fátima. Sendo assim, espera-se que do conjunto destas últimas se possa chegar a uma ideia mais completa daquilo que Fátima encerra como potencial semântico.

Um segundo nível de diferenciação dos olhares sobre Fátima é o epocal e, por extensão de raciocínio, o histórico-contextual. É o que vem claramente explicado na obra de D. António Marto, atrás referida, *Fátima. Mensagem de misericórdia e de esperança para o mundo*. Com efeito, diz-se aí que o significado da mensagem de Fátima se vai desvelando ao longo da história. Quer isto dizer que cada tempo e cada espaço de que é tecida a história da humanidade constitui um terreno a partir do qual se pode emitir uma palavra a respeito daquilo que Fátima tem a comunicar ao mundo. Assim, pode afirmar-se que o contexto português de há cem anos não basta para compreender o que Fátima comporta. Pode-se

³⁴ André e Capelo, *Peregrinos*, 8-9. A palavra «mar» está entre aspas, porque, na introdução da obra, aparece integrada em discurso direto, resultante duma entrevista às próprias autoras.

³⁵ André e Capelo, *Peregrinos*, 58.

declarar que nem o contexto português atual, juntamente com ele, chega para isso. Pode-se considerar que é no cruzamento das múltiplas vozes, historicamente situadas, nascidas no face a face com a mensagem de Fátima que se consegue uma leitura capaz desta última. Enfim, deve-se reconhecer que, estando nós inseridos numa história que se prolongará no futuro, não vamos ter a pretensão de atingir o significado cabal da dita mensagem no tempo da nossa existência. Na verdade, o processo de aquisição de luz, a que se alude aqui, continuará depois de nós. É uma aquisição que se dá de forma recíproca: antes de a luz vir de cada situação histórica na direção da mensagem de Fátima, vai evidentemente desta na direção de tal situação. Primeiro, a situação tem que ser lida – ou ler-se a si mesma – frente ao espelho de Fátima. Só depois é que dela pode sair alguma luz que enriqueça a compreensão desta.

Um terceiro nível de diferenciação dos olhares sobre Fátima é o epistemológico. Na verdade, Fátima é hoje alvo do interesse de diferentes ramos do saber, designadamente da teologia, da história, da antropologia, da sociologia, da psicologia, da filosofia e da linguística. É também objeto do interesse de diversos domínios da expressão humana, como é o caso da literatura, da arte e da comunicação. Percebe-se isso em publicações que contam com a colaboração de diversos autores. Podem ser livros coletivos ou números monográficos de revista. É quase instintivo, quando se prepara uma publicação destas a propósito de Fátima, pensar num painel de colaboradores multidisciplinar.

Podem referir-se, aqui, a título de exemplo, dois números monográficos de revista que surgiram em Portugal por ocasião do centenário das aparições: um é da *Brotéria*³⁶, outro é da *Communio*³⁷. Tanto num como noutro se relaciona o volume que a realidade de Fátima tem com a abordagem que é feita dela sob angulações diferentes. Assim, lê-se no sumário de apresentação de um dos artigos que vem no número da *Brotéria*: «A compreensão de Fátima, bem como a sua apologia potenciadora

³⁶ *Brotéria* 184, no. 5/6 (maio/junho 2017).

³⁷ *Communio*, 33, no. 4 (dezembro 2016).

ou a sua crítica corretiva, não poderão nunca realizar-se à custa de uma única perspetiva.»³⁸ É o reconhecimento de que a riqueza da realidade de Fátima não cabe no ângulo de visão duma só disciplina. Considera-se que essa realidade será inteligível apenas com o contributo de diversas epistemologias. Por sua vez, lê-se na conclusão de um dos artigos que vem no número da *Communio*:

«Desde o primeiro dia que Fátima teve por perto a comunicação social. [...] Havia muito material narrativo: os pastorinhos, o lugar das aparições, as condições climatéricas, a família desorientada e perseguida pelas autoridades, a prudência da Igreja em não precipitar declarações que precisavam ser clarificadas, a situação a um tempo feliz e dramática dos videntes, fortes nas suas convicções mas tímidos na sua expressão pública. Com o tempo, o Concílio, os Papas Paulo VI, João Paulo II, Bento XVI, fizeram de Fátima um fenómeno universal. Antes de tudo isso, a imprensa, o cinema, a rádio, a televisão, a *net* e novas redes, já haviam levado Fátima ao mundo inteiro.»³⁹

Vê-se, aqui, como a exposição de Fátima a abordagens de diferentes setores profissionais, movidos por sensibilidades e interesses diversos, tem como resultado o aumento da sua projeção. Trata-se dum aspeto que assume particular importância no contexto das nossas sociedades modernas que são forçosamente plurais. De facto, essa exposição acaba por conferir a Fátima um relevo transversal em tais sociedades. Pode até dizer-se que certos olhares críticos que lhe são dirigidos vêm dar-lhe visibilidade acrescida no espaço público dum conjunto humano de mundividências diversas.

³⁸ O sumário é do artigo de João Carlos Paiva, com o título «Fátima e Ciência», *Brotéria* 184, no. 5/6 (maio/junho 2017): 577.

³⁹ Trata-se da conclusão do artigo de António Rego, com o título «Os *media* geradores de santuários. Amplificação de Fátima pela comunicação social», *Communio*, 33, no. 4 (dezembro 2016): 456-57.

Fátima é uma realidade de margem desde a sua origem. Mas, com o tempo, foi ganhando um peso que a tornou também realidade de centro. Fátima é, pois, hoje tanto centro como margem. Obedece ao enquadramento institucional que lhe é aplicado, ao mesmo tempo que tende a escapar-lhe. É uma combinação que parece vocacioná-la para ser uma realidade de ponte. Fátima mostra-se, efetivamente, capaz de estabelecer pontes. Chega a criar comunicação entre quem é crente e quem não é, entre o crente da fé popular e o crente da fé mais erudita, entre a pessoa que a olha só com curiosidade e a pessoa que a vive com convicção. De facto, Fátima parece ter maior capacidade de chegar a certos cantos da humanidade do que a instituição que lhe dá enquadramento. Percebe-se nela uma imparável propensão universal. A novidade que surgiu há um século na Cova da Iria não deixa de se expandir por diversas vias e em diferentes direções. Situa-se hoje entre a unicidade da sua origem e o alargamento do seu significado. Fátima aparece, assim, como uma realidade poliédrica: pode ser olhada de diferentes prismas e sentida de variadíssimas formas. Daí que tenha uma vida própria, que escapa tanto a juízos apressados como a vontades categorizadoras. É uma vida que a torna capaz de suscitar interesses intelectuais e processos existenciais para além do previsível.

Bibliografia

- André, Ana Catarina, e Sara Capelo. *Peregrinos*. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos, 2017.
- Bonino, Serge-Thomas. «Pour lire le document: “Le *sensus fidei* dans la vie de l’Église”.» Comissão Teológica Internacional. http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/cti_documents/rc_cti_20140610_cerf-sensus-fidei_fr.html. Acedido a 10 de junho de 2014.
- Brotéria* 184, no. 5/6 (maio/junho 2017).
- Comissão Organizadora do Centenário das Aparições de Fátima (org.). *Guião da Visita da Imagem Peregrina de Nossa Senhora de Fátima às Dioceses Portuguesas. O meu Coração Imaculado conduzir-vos-á até Deus. Maio de 2015 a maio de 2016*. Fátima: Santuário de Fátima, 2015.

- Communio*, ano XXXIII, no. 4 (dezembro 2016).
- Conferência Episcopal Portuguesa. *Fátima, Sinal de Esperança para o nosso tempo*. Lisboa: Secretariado Geral da CEP, 2016.
- Conferência Episcopal Portuguesa. *Papa Francisco em Fátima: Orações, homilias, saudações, mensagens*. Lisboa: Secretariado Geral da Conferência Episcopal Portuguesa, 2017.
- Costa, Ana Luísa, et al. *Feliz de Ti Que Acreditaste. Itinerário de oração com Maria para o mês de maio*. Fátima: Santuário de Fátima, 2016.
- Fátima 2017: Mês de maio, dia a dia*. Fátima: Conferência Episcopal Portuguesa e Santuário de Nossa Senhora do Rosário de Fátima, 2017.
- Langevin, Gilles. «Christianisme populaire et pureté de la foi.» In *Foi populaire, foi savante. Actes du Ve Colloque du Centre d'études d'histoire des religions populaires tenu au Collège dominicain de théologie (Ottawa)*. Editado por J.-M. R. Tillard et al., 149-166. Paris: Les Éditions du Cerf, 1976.
- Marto, António. *Fátima. Mensagem de misericórdia e de esperança para o mundo*. 2.^a ed. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2017.
- Mello, Alexandre Awi. *Maria é Minha Mãe. Encontros do Papa Francisco com Nossa Senhora*. Cascais: Lucerna, 2015.
- Papa Francisco. *O Evangelho de Maria. Palavras de devoção do Papa sobre Nossa Senhora*. Traduzido por Catarina Mourão e João Quina Edições. Lisboa: Planeta Manuscrito, 2017.
- Verwilghen, A. «La religiosité populaire dans les documents récents du Magistère.» *Nouvelle Revue Théologique* 109 (1987): 521-539.
- Vidal, Maurice. «La régulation ecclésiale de la foi et de la théologie.» In *Introduction à l'étude de la théologie*. Dirigido por Joseph Doré, 2: 217-243. Paris: Desclée, 1992.
- Xavier, Leonor. *Peregrinação. Testemunhos que nos unem*. Alfragide: Oficina do Livro, 2017.

Artigo recebido a 28.08.2018 e aprovado a 03.04.2019.